

REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA ANÁLISE DE DISCURSO

Carmen Lúcia Hernandez AGUSTINI

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

O presente texto se refere ao painel 04 dedicado ao artigo *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, publicado na revista *Langages* em 1975, que Michel Pêcheux assina juntamente com a lingüista francesa Catherine Fuchs. Nesse texto é apresentado o quadro epistemológico da Análise de Discurso, doravante AD; quadro esse que é constantemente retomado na atualidade, seja para dar sustentação a textos na área, seja para ser questionado por teóricos que, ou reclamam uma filiação forte de Pêcheux a Foucault, ou minimizam essa filiação, ou ainda se preocupam com uma explicitação e uma ampliação do lugar dado à Psicanálise na AD.

Em relação a esse texto e ao que ele suscitou na escrita dos textos apresentados durante o desenvolvimento do painel 04, visamos trazer à cena uma reflexão sobre as interrogações postas, principalmente, pelo texto de Coracini (2003); mas que também aparecem, de modo latente, nos textos das outras duas painelistas e que dizem respeito à relação entre a Análise de Discurso e as regiões de conhecimento que participam da constituição do seu quadro epistemológico, trazendo à tona as múltiplas possibilidades de olhar essa relação e a necessidade de (de)marcar/(de)limitar o lugar de onde se fala e se pratica a AD. Antes, porém, de tratarmos dessa questão específica, é necessário que esboçemos algumas considerações do ponto de vista de Michel Pêcheux sobre a constituição de uma teoria.

Tomando por base o que Paul Henry diz sobre os fundamentos teóricos da AD, podemos dizer que Pêcheux sabia que a teoria do discurso não pode ocupar o lugar do Materialismo Histórico e da Psicanálise; mas que pode intervir em seu campo. Nesse sentido, Pêcheux tomou o discurso e a teoria do discurso como o lugar possível de intervir teoricamente, porque permite a relação entre a prática política e as ciências sociais e, também, porque permite a ligação entre a prática política e o

discurso. A partir desse pressuposto, Pêcheux provocou uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais, em particular, no campo da Psicologia Social; objetivando, com esse feito, dar às ciências sociais um instrumento científico de que elas careciam. Para tanto, Pêcheux seguiu de perto Bachelard e Canguilhem que distinguem o saber comum do saber científico, dando primazia à reflexão em detrimento da percepção. A ciência não existe na natureza, é uma construção teórica. Dessa forma, consideram fundamentais à constituição de uma teoria: 1) as condições em que uma ciência estabelece o seu objeto e 2) o processo de "reprodução metódica" desse objeto, o que significa dizer que:

a) toda ciência é produzida por uma mutação conceptual em um campo ideológico em relação ao qual essa ciência produz uma ruptura. Portanto, o objeto de uma ciência não é um objeto empírico, mas uma construção;

b) dois momentos devem ser distinguidos em uma ciência: o momento da transformação produtora do seu objeto e o momento da "reprodução metódica" desse objeto.

A AD, portanto, não podia ser, para Pêcheux, concebida independentemente de uma teoria que a incluísse ou que pudesse conduzir à teoria da AD. Isso significa também que aquilo que fosse tomado emprestado de regiões de conhecimento diversas para constituir a AD precisava ser reinventado. Pêcheux toma emprestados conceitos de outras regiões de conhecimento para produzir a Análise de Discurso, o que implica reinventá-los. Por conseguinte, já não se trata de um Materialismo Histórico, de uma Lingüística ou de uma Psicanálise, mas de um novo campo teórico que resulta de uma relação entre essas regiões. Uma relação que não é simétrica, visto que se dão de formas diversas. A AD nos moldes epistemológicos de Pêcheux tende, por exemplo, mais para uma relação com a ideologia do que com a Psicanálise. O modo de entrada dos conceitos tomados emprestados a essas regiões de conhecimento se dá de modos diferentes, o que produz relações diferentes e mais ou menos fundamentais.

Se à época em que Pêcheux produz esse artigo - *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours* - e outros textos, anteriores e posteriores, a AD responde à Psicologia Social, seu "adversário declarado"; hoje, podemos nos perguntar, e lembramos que tal questão foi posta em cena durante o debate suscitado por esse texto de Pêcheux, qual seria o "adversário atual" da AD?

Segundo Ferreira (2003)¹, "o adversário atual da AD é a própria AD com suas diferenças". Dessa forma, podemos dizer que a resposta a essa questão parece residir no fato de que ainda hoje a Análise de Discurso nos moldes epistemológicos de Pêcheux tenha que, e precise, mostrar o que ela não é, a fim de dar visibilidade ao que ela é. Essa resposta levou-nos a refletir sobre o apagamento da AD nos moldes epistemológicos de Pêcheux na França pós-Pêcheux e uma relação possível com a projeção de personalidades. Parece necessário reconhecer que a projeção de personalidades foi maléfica ao próprio campo disciplinar; visto que, uma vez desaparecido o seu "representante", a prática da Análise de Discurso se esvaeceu na França. O apagamento da Análise de Discurso de Michel Pêcheux pôde ser percebido na fala dos franceses que compareceram ao I Seminário de Estudos em Análise de Discurso: Françoise Gadet, por sua vez, apesar de assinar com Michel Pêcheux obras significativas de Análise de Discurso, como, por exemplo, *La langue introuvable* (1981), afirmou que nunca fez Análise de Discurso, que é uma lingüista, especificamente uma sociolingüista e que, em seus trabalhos sobre o francês oral, recorre aos trabalhos de Norman Fairclough; Michel Plon disse que na França, na área de Psicanálise com que trabalha, ninguém conhece o trabalho de Michel Pêcheux e Jean-Jacques Courtine afirmou que os trabalhos de Foucault já bastam às suas reflexões. Na fala dos três aparece um movimento de apagamento/silenciamento da relação que mantiveram com Michel Pêcheux e com a AD francesa.

Interrogamo-nos, na ocasião, sobre a razão - ou razões - que impeliu ao lado francês esse apagamento/silenciamento. Não acreditariam eles no que faziam? Ou estariam aí envolvidas razões institucionais como fora aventado por muitos colegas durante o seminário? Não cabe a nós responder essas questões aqui; Trazemos, no entanto, outra questão à cena, mas essa referente à AD no Brasil. Seria/será possível acontecer algo similar no Brasil, uma vez que, de certa forma, a AD nos moldes epistemológicos de Pêcheux está vinculada à figura de Eni Orlandi? Pequenos focos da AD de Pêcheux começam a emergir no Brasil timidamente; no entanto, diante de tanto ecletismo, da AD com suas diferenças e de tantas divergências - e mesmo de disputas políticas e institucionais - não duvidaríamos se

¹ Comentário feito no desenvolvimento do painel 04.

tivéssemos a infelicidade de viver para presenciar a derrocada da Análise de Discurso, nos moldes epistemológicos postos por Michel Pêcheux, também aqui no Brasil. Diante desse quadro, o que restaria a fazer? Cruzar os braços ou arregaçar as mangas e sair à luta, trabalhar pela difusão da AD nos moldes de Pêcheux? Para a AD nos moldes de Pêcheux permanecer e se institucionalizar no Brasil, é necessário descentralizá-la, difundi-la, por meio da formação de teóricos dedicados à área; o que, automaticamente, produziria um aumento significativo de publicações assinadas por teóricos diversos, disseminando a Análise de Discurso nos moldes de Pêcheux e, em decorrência, institucionalizando-a. Talvez, tenha sido esse movimento de institucionalização o que Pêcheux buscava quando chamava outros teóricos para assinarem os textos em AD juntamente com ele: combater a posição de que seria o representante da AD ou que a AD era a AD de Michel Pêcheux.

Passado o seminário, podemos dizer que hoje conseguimos compreender melhor as inquietudes que nos suscitaram a leitura dos textos das painelistas (referentes ao painel 04), especificamente do texto de Coracini (2003), no que tange à relação entre as regiões de conhecimento científico que compõem o quadro epistemológico da Análise de Discurso de linha francesa. Essas inquietudes estão relacionadas exatamente com a questão apresentada acima, a saber: qual seria, hoje, o "adversário" da AD? Em seu texto, Coracini (2003) afirma que o quadro epistemológico da AD é "conflitante" e questiona a relação existente entre a AD e a Psicanálise, reclamando para esta um lugar de destaque na teoria de Pêcheux:

Denuncia os aspectos "acadêmico-idealistas" da academia universitária que dificulta a articulação entre as três regiões de conhecimento científico sobre as quais se assenta a AD: o materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso: articulação que parecia a alguns "de gosto teórico duvidoso" e a outros como não respeitando a leitura sociológica do marxismo, que Pêcheux qualifica de "recalcamento-mascaramento universitário do materialismo histórico" e da teoria do discurso (p.165) e a teoria do discurso que se reservaria o "aspecto social da linguagem". Parte das condições de produção científica do momento, às quais parece muito difícil escapar, Pêcheux tenta resistir apresentando um quadro epistemológico heterogêneo e, portanto, híbrido e conflitante.

Quando Coracini (2003) fala em "quadro epistemológico heterogêneo, híbrido e conflitante", a constituição da AD, enquanto um novo campo disciplinar, baseado na

inserção da teoria do discurso na conjuntura desse quadro epistemológico, se perde; uma vez que, falar em hibridez ou interdisciplinaridade, produz a impressão de que os conceitos tomados emprestados dessas regiões de conhecimento trazem-nas para o interior da AD de forma intacta; desconsiderando-se, dessa forma, a sua reinvenção no campo disciplinar da AD.

Na medida em que a AD se constitui de pressupostos teóricos e epistemológicos que orientam a análise para um caminho em que se considera não só o sistema lingüístico como também a materialidade histórica da língua, ela não funciona como um modelo ao qual o material de análise deva ser encaixado. Ao contrário, ela fornece um dispositivo teórico de análise que nos permite tratar o discurso em relação aos processos de significação que o constituem, através de seus mecanismos de funcionamento. Por conseguinte, é evidente que se trata de uma teoria que é revisitada e reformulada a cada trabalho de análise, o que não significa que o seu modo específico de entrada no material possa ser "trocado" pelo modo de entrada de uma das regiões de conhecimento que participam da constituição de seu quadro epistemológico. Teríamos aí um outro movimento que, certamente, não deixaria intacta as relações já historicizadas na constituição da AD. Não é, portanto, tão simples reivindicar uma entrada outra para a Psicanálise no quadro epistemológico da AD, como faz Coracini (2003), ao dizer:

Finalmente, gostaria de observar, no texto analisado, que se inicia com a apresentação do quadro epistemológico em que se insere a AAD, a ausência da explicitação de uma das regiões mais importantes sobre as quais se apóia a AD, que, afinal, resulta de uma rede complexa de discursos outros: a região da psicanálise. É bem verdade que é possível rastrear cá e lá formulações que remetem ao atravessamento da psicanálise lacaniana, presente na noção de sujeito cindido, inconsciente, descentrado - ao qual, portanto, escapa o controle de si, de seus atos e pensamentos, dos efeitos de sentido do seu dizer -, nas críticas que Pêcheux faz às análises que assumem a concepção de sujeito consciente, cartesiano, psicológico e racional e, portanto, centrado, que acredita na possibilidade do controle consciente e da liberdade de escolha na esfera tanto de seus atos quanto da linguagem que determinaria este ou aquele efeito de sentido.

(...)

Entretanto, a psicanálise como região de conhecimento constitutiva da AD não é trazida claramente em nenhum momento nesse texto de 1975: medo das possíveis críticas? Resistência à psicanálise cujo estatuto de ciência foi sempre colocado em xeque? Insegurança? Ou talvez simples esquecimento? Mas se todo esquecimento tem uma explicação

escondida, talvez as primeiras perguntas apontem para uma resposta ou pelo menos para uma interpretação possível de tal silenciamento que parece mais inconsciente do que intencional.

A AD mantém com essas regiões de conhecimento que participam da constituição do seu quadro epistemológico uma relação de filiação, uma vez que uma região de conhecimento não nasce do nada, mas de outras preexistentes com as quais dialoga e rompe. Essa filiação, no entanto, é marcada por uma ruptura específica que Análise de Discurso mantém com cada uma dessas regiões de conhecimento. Para corroborar esse dizer, citamos Orlandi (1999:20), quando diz:

Se a Análise do Discurso é herdeira de três regiões do conhecimento - Psicanálise, Lingüística, Marxismo - não o é de modo servil e trabalha uma noção - a de discurso - que não se reduz ao objeto da Lingüística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Lingüística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Portanto, quando a AD interroga, diferentemente, essas regiões de conhecimento sobre algo que faz parte de seus resíduos teóricos, ela está rompendo, em certa medida, com essas regiões; esse rompimento é constitutivo da especificidade da AD, porque trabalha a construção de um novo campo de conhecimento. Tanto é assim que a AD constrói para si um objeto específico, que não é recoberto nem pelo objeto da Lingüística, nem pela teoria marxista e nem pela Psicanálise. Esse movimento de pensamento lhe dá uma especificidade própria, que a constitui e a caracteriza, tornando-a (re)conhecível por sua língua/escrita particular. Acrescentamos a essa consideração uma afirmação de Orlandi (2003)², a saber:

Para fazer Análise de Discurso não é preciso saber Lingüística, não é preciso saber Marxismo, não é preciso saber Psicanálise. É preciso saber Análise de Discurso.

² Nota de curso ministrado por Eni Orlandi.

Orlandi (2003) faz essa afirmação para dizer que para fazer Análise de Discurso é preciso estar na língua (científica) da Análise de Discurso, identificado com e por ela. E não na língua do Marxismo ou na da Lingüística ou na da Psicanálise. No entanto, se quisermos compreender o quadro epistemológico da Análise de Discurso; devemos, então, estudar também essas regiões de conhecimento. Os elementos dessas três regiões de conhecimento que participam da constituição da Análise de Discurso não entram na AD e permanecem aí como Materialismo, Lingüística e Psicanálise; a ruptura impõe movimento, diferenciação. A nosso ver, é esse movimento e essa diferenciação que torna a Análise de Discurso uma *disciplina de Entremeio* (Orlandi, 1999). Não é uma questão de interdisciplinaridade, em que passamos de uma região à outra de conhecimento e que estas se mantêm aí intactas e independentes, como se fossem apenas um auxílio explicativo que corrobora o que é dito por uma das regiões de conhecimento em questão. A Análise de Discurso é uma outra região de conhecimento.

As relações que a Análise de Discurso mantém com a Lingüística, com o Materialismo e com a Psicanálise não são simétricas; são assimétricas, o que significa que, na constituição da AD, há relações de dominância entre essas regiões de conhecimento. O Materialismo e a Lingüística mantêm uma relação de aliança na configuração de seu quadro epistemológico, enquanto a Psicanálise tem uma entrada diferente. Os conceitos da Psicanálise, que são re-significados na e pela Análise de Discurso, não entram como elementos epistemológicos, mas como elementos explicativos, que corroboram a questão da interpelação ideológica que Pêcheux re-significa do Materialismo. Daí Pêcheux, ao se referir à Psicanálise, dizer que as regiões de conhecimento, que participam da constituição do quadro epistemológico da AD, são atravessadas por uma teoria não-subjetiva de cunho psicanalítico. Esse modo de entrada diferente da Psicanálise restringe sua participação na constituição do campo disciplinar da Análise de Discurso nos moldes epistemológicos de Pêcheux. Reivindicar, portanto, uma entrada outra da Psicanálise na Análise de Discurso produz movimento de sentidos, porque afeta a língua da AD. Encontramos aí o motivo que leva diferentes teóricos a dizer que trabalhos que põem a Psicanálise em relação de dominância não são trabalhos em Análise de Discurso; mas, sim, trabalhos em Psicanálise. Quando Orlandi (1999) diz que a "Análise de Discurso se demarca da Psicanálise pelo modo como,

considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele", corrobora essa consideração.

Essa demarcação já aparece no artigo *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, publicado na revista *Langages* em 1975, assinado por Michel Pêcheux e Catherine Fuchs, quando relacionam, sem sobreposição, ideologia e inconsciente na explicação do funcionamento do sujeito de dizer e é mantida, justamente porque faz parte da constituição do campo disciplinar da Análise de Discurso nos moldes de Pêcheux, nos teóricos que se põem na língua (científica) da Análise de Discurso francesa, como, por exemplo, em Indursky (1997) ao dizer que "o indivíduo é interpelado, mas acredita-se livre; é dotado de inconsciente, mas percebe-se consciente".

Pêcheux teve, portanto, a "precaução" teórica de demarcar a diferença e, dessa forma, evitar o erro de uma leitura que pudesse sobrepor ideologia e inconsciente e pôr por terra a diferença entre Análise de Discurso francesa e Psicanálise. A Análise de Discurso não é uma forma de Psicanálise, mas uma disciplina de interpretação, que se propõe, como bem o diz Grantham (2003), a "trabalhar os processos e as condições de produção da linguagem, ou seja, [a AD] leva em conta a exterioridade, e, ao considerar que a exterioridade é constitutiva, parte da historicidade inscrita no texto, para atingir o modo de sua relação com a exterioridade, atestada no próprio texto, em sua materialidade".

Nesse sentido, podemos dizer, à guisa de conclusão, que a Análise de Discurso nos moldes epistemológicos de Pêcheux tem as relações entre as regiões de conhecimento que participam da constituição do seu quadro epistemológico já historicizadas e que qualquer "mexida" na configuração dessas relações já é movimento de pensamento que produz deslocamentos teóricos. Esse fato, a nosso ver, é que permite falar em diferentes linhas de Análise de Discurso, ou permite falar ainda que o "adversário atual da AD é a própria AD com suas diferenças" (Ferreira, 2003); abrindo, dessa forma, o campo teórico da Análise de Discurso a múltiplas possibilidades de olhar a relação entre as regiões de conhecimento que participam da constituição do seu quadro epistemológico. Essas múltiplas possibilidades de olhar essa relação levam diversos teóricos a *olhar para o bebê, para a bacia e para*

a água do banho³ e ter de decidir sobre o que fica, ou o que se joga fora, ou se joga algo fora, ou se põe algo a mais para dentro. De nossa parte, julgamos que, nas relações institucionais, não devemos jogar o bebê fora, juntamente com a água do banho; devemos dar-lhe oportunidade de viver, ou mesmo de crescer, uma vez que se trata de um bebê vigoroso que pode trazer benefícios e avanços ao campo de estudos da linguagem e às questões sobre a constituição dos sentidos.

Referências Bibliográficas

- CORACINI, M.J.(2003) *Ler Pêcheux hoje: entre dúvidas e certezas*. Texto apresentado no painel 04 do I Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS.
- ECKERT-HOFF, B.(2003) *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975)*. Texto apresentado no painel 04 do I Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS.
- FERREIRA, M.C.(2003) *Comentários feitos no desenvolvimento do painel 04*. I Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS.
- GRANTHAM, M.(2003) *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975)*. Texto apresentado no painel 04 do I Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS.
- HENRY, P. "Os fundamentos teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969)". Em: GADET, F. & HAK, T.(1993) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bras. 2^a. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- INDURSKY, F.(1997) *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- ORLANDI, E.(1999) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.
- ORLANDI, E.(2003) *Notas de curso ministrado por Eni Orlandi*. Campinas, SP: Unicamp.
- PÊCHEUX, M & FUCHS, C. "Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours". Em: *Langages*. n.37, Paris: Larousse, 1975.

³ Remetemos aqui à metáfora recorrente no I Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2003.